

Rubem Braga

M 252 e 557
CM 10.8.51
Radio 5.1.63
DN 13.2.47
FLU, dez. 81
RN460

lembrança

lem um
Isto foi no dia 8 de dezembro, no Rio de Janeiro. Um homem não tinha nada o que fazer. Estava aborrecido de estar em seu quarto. Era um quarto remediado em uma casa de cômodos grande e triste, onde havia poeira, crianças, ratos, mulheres feias de quarenta e dois anos, mocinhas muito virgens e doentes, homens carecas e em geral muitos insetos e famílias.

do tranzi to
Do segundo andar chegava um barulho chato de rádio, deviam estar tocando um tango de mau-gosto, que mal podia aparecer entre o barulho dos bondes lá fora, das crianças lá dentro, da arrumadeira que estava arrastando uma cama do quarto vizinho. Os berros esfaçelados do tango subiam pela escada suja, atravessando os corredores, varavam a porta e chegavam até o ouvido do homem. O homem estava simplesmente de cueca, esticado na cama, sentindo calor.

Então resolveu sair. Calçou o sapato reparando nas meias que não estavam muito limpas. Teve um xingamento surdo íntimo e desanimado para a lavadeira que não havia trazido a roupa. Apanhou as calças que estavam mal dobradas em cima da mesa, sobre uns livros sem interesse. Vestiu a camisa que também não estava muito limpa nos punhos, e na qual faltava um botão. Enfiou as calças. Ia lavar a cara para refrescar, mas a torneira não forneceu água nenhuma. Procurou a abotoadura do colarinho. Procurou na camisa, em cima da mesa, na palhinha da cadeira, na gavetinha, embaixo da cama. Estava mais suado. Achou no bolsinho da calça. Pôs o colarinho e a gravata amarrotada. Tirou o paletó do encosto da cadeira e aplicou-lhe uns

tapas nos ombros para espantar um pouco a poeira. Vestiu-se e desceu a escada.

Quando chegou embaixo, voltou para apanhar os cigarros que havia esquecido. Desceu outra vez, tendo de dar passagem, na escada, a uma senhora gorda e muito pintada que ia com uma criança para o terceiro andar.

Saiu andando lentamente pela rua. Andou. Andou. Andou à toa com seus sapatos, dos quais o esquerdo estava com o cadarço rebentado. Andou pelas ruas sujas e poeirentas, sobre as quais se espalhava um mormaço chato, entre os veículos barulhentos e os homens suados, as mulheres aborrecidas, as casas de comércio.

Quando o homem reparou, estava na Rua do Lavradio. Então ele viu uma porção de gente vestida como se fôsse domingo. Reparou bem. Era muita gente com um ar pateta. Uns entravam outros saíam de uns edifícios e outros ficavam na calçada e até o meio da rua estreita onde os carros passavam buzinando com os choferes praguejando. Havia automóveis forrados de branco, floridos. Algumas mulheres estavam de véu e os homens, de gravata nova. Então o homem se lembrou de que era sábado, e que era o dia da Imaculada Conceição e que aquilo tudo era casamento.

Não disse nada. Olhou de longe. Pareceu lembrar-se de alguma coisa acontecida há muito tempo. Teve uma espécie de sorriso aborrecido, um sorriso de mormaço. Abanou a cabeça. E foi andando. Na esquina deu uma cusparada, sem importância, por causa do calor e da poeira. E foi andando.

M 557 - 22.12.62